

ANDRAGOGIA NA EJA ¹

Ana Maria Godoi do Carmo ²
Cristiane Araújo Ludwig ³

As reflexões derivadas desse trabalho são frutos de uma pesquisa que objetiva investigar as metodologias utilizadas pelos professores aos alunos da EJA, a partir das observações realizadas em uma turma da EJA na disciplina de Física de uma escola pública da cidade de São Borja/RS. A base do material coletado foi proporcionada por meio da disciplina de Estágio Curricular Supervisionado I, enquanto componente obrigatório do Curso de Licenciatura em Física do IFFar/Campus São Borja.

A disciplina de Estágio Curricular Supervisionado I é ofertada no quinto semestre do Curso de Licenciatura em Física, sendo está voltada para a observação da prática de ensino de Física na modalidade de Educação de Jovens e Adultos.

De acordo com o PPC do Curso de Licenciatura em Física, o estágio tem como objetivo situar o aluno-estagiário na função docente. O módulo I, caracterizado como observatório, orienta o aluno-estagiário para o conhecimento do funcionamento do ambiente escolar e pedagógico da modalidade de Educação de Jovens e Adultos, a fim de o preparar para assumir, no módulo II, a regência em sala de aula.

Sobre a observação, Carvalho (2012), expõe que o estágio de observação apresenta aos futuros professores condições para detectar e superar uma visão simplista dos problemas de ensino e aprendizagem, proporcionando dados significativos do cotidiano escolar na medida em que possibilitam uma reflexão crítica do trabalho a ser desenvolvido como professor e dos processos de ensino e aprendizagem em relação ao seu conteúdo específico.

Ao ensinar ciência, ou qualquer outra matéria, não queremos que os alunos simplesmente repitam as palavras como papagaios. Queremos que sejam capazes de construir significados essenciais com suas próprias palavras (...) mas estas devem expressar os mesmos significados essenciais se não de ser cientificamente aceitáveis (LEMKE, 1990, p. 105 apud CARVALHO, 2012, p. 49).

¹ Trata-se de uma pesquisa de ensino realizada na disciplina de Estágio Curricular Supervisionado I.

² Graduanda do Curso de Licenciatura em Física do Instituto Federal Farroupilha – IFFar – Campus São Borja, ana.2021017881@aluno.iffar.edu.br.

³ Professora orientadora: doutora em educação, Instituto Federal Farroupilha – IFFar – Campus São Borja, cristiane.ludwig@iffarroupilha.edu.br.

Considerando esse aspecto, buscou-se analisar os dados coletados à luz da teoria no sentido de aprofundar conceitualmente as metodologias utilizadas pelos professores regentes por meio das observações realizadas.

No modelo andragógico a educação é de responsabilidade compartilhada entre professor e aluno. O professor deve aprender que os adultos preferem que ele lhes ajude a compreender a importância prática do assunto a ser estudado. Carvalho (2010) destaca que o tal modelo de aprendizagem precisa ser compartilhado entre educador e educando, tendo em vista que a Andragogia se fundamenta em aprender fazendo.

Bellan (2005) destaca que quando se olha a aprendizagem de adultos através da andragogia, vê-se que o papel do professor como é tradicionalmente conhecido, deve ser revisto. Porque os alunos adultos são conscientes de suas habilidades e experiências, e exigem mais envolvimento no processo de aprendizagem. O professor deve transformar-se em um agente de transformação.

Knowles (2005), afirma que a andragogia é o modelo que condiz com a aprendizagem adulta e disse ainda, em 1989, que, preferia pensar na andragogia como modelo de conceitos que servem como base para uma teoria emergente. Lindeman (1926) propunha que a educação de adultos deveria se basear nas necessidades e interesses do mundo adulto, ou seja, englobar o trabalho, o lazer, a família, a comunidade, entre outros aspectos. Além do mais, esse autor percebe o descompasso das metodologias empregadas pela pedagogia e busca novas formas para a educação de adultos. Em vista disto, o educador escreveu: “nós aprendemos aquilo que nós fazemos. A experiência é o livro-texto vivo do adulto aprendiz” (LINDEMAN, 1926, p. 8). Seguidor de Lindeman, Malcom Knowles (1913–1997) aprofundou a ideia da experiência vivida como fonte de aprendizagem e publicou seu primeiro artigo em 1968, que tratou, especificamente, da educação de adultos, usando o termo “andragogia”. Para Knowles (1973), os motivos, as razões e as necessidades dos adultos eram completamente diferentes das primeiras etapas de vida, por isso diferenciou, a partir da etimologia da palavra de origem grega, os termos “andros (adulto) e gogos (educar), em contraposição à pedagogia que vem do grego paidós (criança) e gogos (educar), educar crianças” (KNOWLES, 1973, p. 42-43).

Quando Knowles começou a construir o modelo andragógico de educação, o concebeu como a antítese do modelo pedagógico. Pretendia para a inadequação ideológica da pedagogia em lidar com adultos, propondo um modelo inovador e pragmático. Com o passar do tempo, Knowles (1980) atenuou as críticas ao modelo anterior antagônico, salientando que ambos podem ser utilizados com aprendentes de qualquer idade. De modo geral, o modelo andragógico proposto por Knowles (1973), ampliado do modelo de Lindeman, é amplamente divulgado e se

baseia nos seguintes princípios fundamentais que ajudam a compreendê-la e aplicá-la melhor são:

Necessidade de saber: adultos precisam saber por que estão aprendendo e como ocorrerá o processo de aprendizado.

Autoconceito do aprendiz: os adultos são responsáveis por suas vidas e decisões, portanto precisam ser encarados e tratados como indivíduos capazes de fazer suas próprias escolhas.

Papel das experiências: o adulto a maioria possui uma bagagem de conhecimento pessoal e profissional, que adquirem ao longo da vida. Esse aspecto pode ser aproveitado na aprendizagem de novos conhecimentos.

Prontidão para aprender: o adulto fica disposto a aprender quando a ocasião exige algum tipo de aprendizagem relacionada a situações reais de seu dia a dia. Eles têm predisposição para aprender quando o conhecimento tem a finalidade de ajudá-los a enfrentar os desafios cotidianos. Assim, quando a ocasião exige algum tipo de aprendizagem relacionado ao que deve ser executado, o adulto adquire prontidão para aprender.

Orientação para aprendizagem: os adultos aprendem melhor quando a aprendizagem é orientada para os fatos, aplicabilidade, utilidade e resultados. São motivados a aprender conforme percebem que a aprendizagem os ajuda a executar tarefas ou lidar com problemas que vivenciam em sua vida.

Motivação: adultos são mais motivados a aprender por valores intrínsecos — autoestima, qualidade de vida, desenvolvimento. Respondem a fatores motivacionais externos (melhores empregos, promoções, sentimentos mais altos), porém, os fatores motivacionais mais poderosos são as pressões internas (o desejo de ter maior satisfação no trabalho, autoestima, qualidade de vida).

Dadas as características da fase adulta, é preciso considerar que a experiência é a fonte mais rica para a aprendizagem desse grupo. Estes, por sua vez, são motivados a aprender conforme vivenciam necessidades e interesses que a aprendizagem satisfará em sua vida. Logo, os conhecimentos prévios, que muitos já adquiriram em sua vida, facilitam o processo de ensino-aprendizagem e reflexão, ao transformá-los em diálogos.

Na andragogia, a orientação da aprendizagem parte de situações da vida, aprendizados a partir das experiências e necessidades apresentadas pelo aprendiz, não de temas preestabelecidos. Nessa abordagem, a metodologia visa promover a participação ativa dos alunos, em uma relação horizontal entre professor e aluno, na qual o professor assume o papel de mediador do processo de aprendizagem. O adulto se sente motivado a aprender algo quando

entende o sentido daquele aprendizado, quando consegue perceber as vantagens e benefícios que esse conhecimento poderá lhe trazer, como também os prejuízos que a falta desse aprendizado pode acarretar em sua vida. Portanto, é de extrema importância para a motivação dos adultos que os aprendizados e ensinamentos estejam sincronizados com a vida real.

Ao observar o foco metodológico abordado pela docente para aplicar o ensino de Física para os alunos foi possível perceber que é utilizada a teoria para o aluno ter os conhecimentos dos fatos e fenômenos da Física sobre a aprendizagem dos conteúdos. Segundo a docente é dessa forma teórica e contextualizada que os alunos entendem e aprendem, pois antes de aplicar a metodologia de ensino fez um levantamento da realidade dos alunos. Ao enfatizar a teoria articulada ao cotidiano, ela se aproxima da andragogia.

A andragogia é um conjunto de princípios de aprendizagem aplicáveis a diversas situações, objetivos, contextos e a alunos de qualquer idade. Na prática pedagógica, a andragogia visa promover o docente como mediador. Como mediador o professor instiga, incentiva o aluno a desenvolver a capacidade de pensar e fazer conexões com o que sabe, com o que aprende no decorrer da vida.

Concluiu-se que a escola utiliza como foco metodológico a teoria contextualizada. Com o estudo da andragogia se conclui que para o docente existe um leque de possibilidades para preparar o aluno da EJA para posse de algumas habilidades e competências necessárias, para sua vida em sociedade com mais autonomia.

Os desafios como docente de observação me possibilitaram aprofundar a andragogia articulada com os dados coletados. Onde meu autoconceito mudou de professor para mediador de aprendizagem. Fazer a utilização da andragogia para meus futuros alunos será gratificante, desempenhar funções diferentes que exigiam habilidades diferentes, envolvendo os alunos no planejamento, colocando-os em contato com as fontes de aprendizagem e estimulando sua iniciativa. Nesta perspectiva, Freire (1996, p. 25) destaca que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. Nas condições de verdadeira aprendizagem, os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado e aprendido, ao lado do educador, transformado em mediador igualmente sujeito do processo. Isso implica um “fazer andragógico” tendo como foco o aprendiz.

Andragogia e aprendizagem de adulto é um tema bastante extenso, foi pontuado apenas algumas questões. Há muito para se falar, refletir, discutir e pesquisar. Acreditamos que foi possível, neste relato, estimular o interesse sobre a questão da atuação do facilitador em sala de aula com aprendizes adultos.

Palavras-chave: EJA, metodologia, andragogia.

Referências

BELLAN, Z. S. **Andragogia em Ação:** Como ensinar adultos sem se tornar Maçante, Santa Bárbara d'Oeste, SOCEP Editora, 2005.

CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. **Os estágios nos Cursos de Licenciatura.** São Paulo, Cengage Learning, 2017.

FINGER, M., ASÚN, J. M., **A Educação de Adultos numa Encruzilhada:** Aprender a nossa saída. Porto - Portugal, Porto Editora, 2003.

FREIRE, P., **Conscientização:** Teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire, 3. ed. São Paulo, Moraes, 1980 ____ Educação Como Prática da Liberdade, 21. ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra S/A, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir, ROMÃO, Jose E. **Educação de jovens e adultos:** teoria, prática e proposta. São Paulo: Cortez., 2003.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnica de pesquisa.** 6. ed. 5. reimp. São Paulo: Atlas, 2012.

KNOWLES, M. S., **The Adult Learner:** The Definitive Classic in Adult Education and Human Resource Development, 6th ed. San Diego, Califórnia, USA, Elsevier, 2005.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência.** 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

TARDIF, M., Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários. Elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério, **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n.13, p.655-676. Jan/Fev/Mar/abr. 2000. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1413-24782000000100002&script=sci_abstract
Acesso em 26/06/2023

ZABALZA, Miguel A. **Diários de aula:** um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional. Porto Alegre: Artmed. 2004